

Um estudo semântico sobre o léxico do português falado pelos gurutubanos

A semantic study of the lexicon of the portuguese spoken by the gurutubanos

Maria do Socorro Vieira Coelho*

Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, MG, Brasil

Resumo: O intento deste artigo é discorrer sobre o vocabulário do português falado cotidianamente pelos moradores da comunidade quilombola do Vale do Gurutuba, Minas Gerais, focando, especificamente, os casos de manutenção linguística, através da análise semântica das unidades lexicais. Investigou-se, no vernáculo em questão, a possibilidade da presença de aspectos lexicais detectados na língua portuguesa utilizada entre os séculos XIII e XV, apontando, além das questões estruturais, fatores históricos, sociais e geográficos como motivadores de tal conservação. O estudo fundamentou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Lexicologia, Lexicografia e da Linguística Histórica. Discutidas as estreitas relações entre o léxico do português falado pelos gurutubanos e seu universo natural, sócio-histórico e cultural, 254 (duzentas e cinquenta e quatro) unidades lexicais foram selecionadas e sistematizadas em fichas lexicográficas. A partir disso, investigou-se a presença daquelas unidades e das suas acepções em dicionários e pesquisas lexicográficas selecionados para o estudo comparativo desenvolvido. Com base na organização dos dados, as análises foram feitas e seus resultados revelaram que predomina a conservação de unidades lexicais no vocabulário do português falado pelos habitantes do Vale do Gurutuba.

Palavras-chave: Léxico. Português Brasileiro. Gurutubanos. Manutenção linguística.

Abstract: The purpose of this article is to discuss the Portuguese lexicon spoken by the inhabitants of the *Quilombola* community in the Gurutuba Valley, Minas Gerais, Brazil, focusing specifically on cases of linguistic maintenance through the semantic analysis of lexical units. In the vernacular in question, the possibility of the presence of lexical aspects detected in the Portuguese language used between the 13th and 15th centuries was investigated, pointing out, in addition to structural issues, historical, social and geographical factors as motivators of such conservation. The study was based upon the theoretical-methodological assumptions of Lexicology, Lexicography and Historical Linguistics. After discussing the close relations between the Portuguese lexicon spoken by Gurutubanos and their natural, socio-historical and cultural universe, 254 (two hundred and forty-four) lexical units were selected and the ones selected were organized in lexicographic files. From that on, the researcher investigated the presence of those units and of their respective meanings in dictionaries and lexicographic research selected for the comparative study developed. Based on the organization of data, the analyses were made and their results revealed that the conservation of lexical units in the vocabulary of the Portuguese spoken by the living citizens of the Gurutuba Valley predominated.

Keywords: Lexicon. Brazilian Portuguese. Gurutubanos. Linguistic maintenance.

* Professora do Departamento de Comunicação e Letras, Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, MG, Brasil; soccoelho@hotmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objeto de estudo deste artigo é o vocabulário do português falado pelos moradores da Comunidade Quilombola do Vale do Gortuba, Minas Gerais¹. Investigamos, através de uma análise semântica, casos de manutenção linguística no vocabulário rural da variedade do português brasileiro contemporâneo falado cotidianamente pelos gurutubanos. Verificamos, especificamente, que há traços do português antigo já descritos entre os séculos XIII e XV, no vernáculo dessa comunidade, que apontam para a hipótese de manutenção linguística, devido ao fato de que, primeiramente, por ser dinâmica, toda língua em uso é conservadora e inovadora, e, em segundo lugar, porque fatores como o isolamento geográfico relativo, a ausência ou limitação ao acesso à instrução/educação e aos meios de comunicação poderiam estar contribuindo para a conservação de aspectos do português falado no Brasil. É nessa descrição que encaixamos o povo do Gurutuba², por ele não ter tido acesso à variedade padrão da língua portuguesa, por viver relativamente isolado do meio urbano, padecendo a comunidade, por isto, da falta de escolas, e, também, da ausência de contato regular com meios de comunicação tecnológicos e práticas midiáticas, até o início do século XX.

Trata-se de uma variedade do português brasileiro falada pelo povo ‘roceiro’ em espaços rurais brasileiros, que vive em concorrência com a variedade padrão que pode ser influenciada por variáveis de natureza diafásica, diastrática, diatópica e diacrônica, e detectada nos diversos níveis de uma determinada língua, isto é, o fonético-fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico. Assim é que no: i) nível *fonético-fonológico*: ‘fartava - [fah'tavɐ] - faltava’; ‘posta - [pɔstɐ] - porta’; ii) nível *morfológico*: ‘menine - [mi'nĩni]’ - menino’; ‘saúdo - [sa'udɔ] - saúde’; iii) nível *sintático*: ‘eu goste - [gɔsti] - eu gosto’; ‘eu falí - [fa'li] - eu falei’; iv) nível *semântico-lexical*: ‘isguaritó - [isguari'to] - isguaritou/sumiu’; ‘bambaço - [bã'basɔ] - gêmeo’. Entre essas diferenças, as que ocorrem na maneira de pronunciar os vocábulos (fonética) e no significado das palavras (semântica) são as mais perceptíveis por qualquer falante de uma língua, independentemente do seu grau de conhecimento linguístico formal/informal.

Para o desenvolvimento deste trabalho, apoiamos-nos nos pressupostos da Lexicologia e Lexicografia (Alves, 2007; Amaral, 1976; Biderman, 1978, 2001a, 2001b, 2004) e da Linguística Histórica (Faraco, 2005; Silva Neto, 1970; Tarallo, 1994) e, como base empírica, utilizamos 38 (trinta e oito) entrevistas para analisar o português falado pelos gurutubanos. O corpus foi organizado segundo os preceitos teórico-metodológicos labovianos (Labov, 1972).

¹ Este artigo apresenta resultados da pesquisa de Pós-Doutoramento, realizada Programa de Pós-Graduação Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sob a supervisão do Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.

² Esclarecemos que optamos por usar a grafia proposta por Neves (1908a) em *Chorographia do Município de Boa Vista do Tremendal*, por ser o primeiro historiador regional que faz menção explícita aos negros que se aquilombaram no vale do Gortuba. Portanto, utilizaremos ‘gurutubano’ – ‘gurutuba’ e seus derivados, com ‘u’, neste texto. Não utilizaremos a grafia ‘gortuba’, com ‘o’, como aparece nas cartas propostas pelo IBGE.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O estudo na área do Léxico considera a língua um instrumento de comunicação de um povo específico e os aspectos históricos, sociais e culturais inter-relacionados (Biderman, 1978, p. 139). Uma língua representa pensamentos gerados por ideologias, valores e crenças que podem ser manifestados através de atitudes e práticas compartilhadas entre semelhantes, objetos materiais e imateriais, em graus variados de convivência, conforme as redes que constituem os relacionamentos estabelecidos em um determinado contexto, ao longo de um tempo e dentro de certo espaço. Em síntese, a língua se constitui por pensamentos estruturados em formas discursivas costuradas por vocábulos organizados em sistemas linguísticos condicionados por fatores estruturais, não estruturais e regidos por normas. Nesse sentido, percebemos que, para identificar, descrever e explicar o vocabulário de uma língua, propósito deste trabalho, ou seja, analisar a variedade do português usado pelos gurutubanos, era essencial tomarmos como categoria principal as unidades lexicais³ e examiná-las, levando em conta os aspectos social, histórico cultural e linguístico detectados durante seu proferimento.

Conforme Biderman (2001a, p. 14), “[...] o universo conceptual de uma língua natural pode ser descrito como um sistema ordenado e estruturado de categorias léxico-gramaticais. As palavras geradas por tal sistema são rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com seu meio.” É nesse processo que se constroem histórias individuais e coletivas de famílias, de grupos profissionais, religiosos, esportistas e que se delinea o repertório lexical de um povo.

Como nos propusemos a estudar o vocabulário efetivo da variedade do português falado pelo povo gurutubano, utilizamo-nos da proposta da Lexicologia, por essa área científica da Linguística estudar o léxico, as unidades léxicas e suas relações linguísticas (sintagmáticas e paradigmáticas), pragmáticas, discursivas, sócio-históricas e culturais. A lexicologia objetiva investigar a estruturação interna do léxico e, também, suas diversas relações com os outros níveis da língua, como a fonologia, morfologia, sintaxe e a semântica, porque, segundo Biderman (2001, p. 16), “[...] a lexicologia faz fronteira com a semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa.” Por essas razões, essa abordagem guiará nossa análise semântica.

Para abordarmos o vocabulário, nesta pesquisa, escolhemos lematizar as unidades léxicas na forma transcrita que mais se aproxima da linguagem dos gurutubanos, conservando as peculiaridades da variedade do português falado na região, seguindo as observações de Amaral (1976, p. 82), para registrarmos os vocábulos, conforme os roceiros os pronunciam, no intuito de mostrar o quanto tal linguagem se distancia do dialeto usado pela população urbana de São Paulo.

Propusemos que, em um estudo que trate da diversidade linguística, como é o caso deste estudo, sejam levadas em conta as variantes lexicais no âmbito de suas

³ Sintagma para o qual, nesta pesquisa, utilizamos as definições de Alves, (2007, p. 89-90) para “*unidade lexical* ou *unidade léxica*”. O mesmo que item lexical ou léxico. *Item lexical* ou *léxico*: unidade do léxico constituída por uma ou mais formas gráficas correspondentes a um único significado. *Léxico*, conjunto estruturado de todas as unidades léxicas de uma língua que são utilizadas numa mesma sincronia, seu vocabulário.

alterações formais e/ou de significado como foco central. Precisamos considerar o registro dos itens lexicais, conforme os usos reais de fala coletados, mesmo em uma cabeça de verbete. Para tanto, por se tratar de um vocabulário regional, tomamos a variedade padrão da língua portuguesa brasileira como referência para a análise comparativa registrada, por exemplo, nos dicionários de Ferreira e Houaiss, atentando-nos para a observação de Biderman (2004)⁴.

Apesar de focalizarmos o léxico sob a perspectiva sincrônica, abordamos, também, o viés diacrônico, porque buscamos sistematizar e elucidar usos linguísticos atuais do português falado pelos gurutubanos, em pontos de sincronias pretéritas, distantes, ou próximas, na medida em que os fatos linguísticos garimpados, aliados às informações sociais e históricas, o permitirem. Tais ocorrências lexicais são consideradas antigas, arcaicas em relação à norma padrão da língua portuguesa, e desapareceram do falar cotidiano, mas são ainda mantidas, e encontram-se em uso no português falado pelos gurutubanos.

Parafraseando a observação de Megale sobre língua (1998, p. 10), afirmamos que, em relação ao léxico, não se espera encontrar um vocabulário antigo, mas a predominância de usos lexicais conservadores e não mais frequentes em outras geografias brasileiras, principalmente em espaços urbanos. Tais vocábulos são os que se fizeram presentes em algum ponto do contínuo Latim, Português, Português Brasileiro e em contribuições de outras línguas. Nesse sentido, conforme Carvalho (2009, p. 21), para se conhecer a gênese do léxico de uma língua em toda a sua extensão, faz-se necessário examiná-lo sob as visões sincrônica e diacrônica da linguagem.

FLP21(2)

Em relação à perspectiva diacrônica, desenvolvemos este trabalho sob os princípios da linguística histórica, que, conforme Faraco (2005, p. 44), é uma disciplina cujo objeto teórico é a mudança por que passam as línguas humanas no decorrer do tempo. Isso ocorre de forma lenta, gradual e não atinge todo o sistema linguístico. Isto é, “[...] há sempre, no processo histórico, períodos de coexistência e concorrência de formas em variação até a vitória de uma sobre a outra.” Para o autor (p. 91), “[...] as línguas estão envolvidas num complexo fluxo temporal de mutações e substituições, de aparecimentos e desaparecimentos, de conservação e inovação.” Assim, ao realizar o estudo nesse viés, reconstituímos parte da história do léxico no cenário das línguas naturais.

Por fim, este é um trabalho sobre língua cuja metodologia, quanto aos procedimentos, utiliza as pesquisas bibliográfica e documental desenvolvidas segundo as abordagens teórico-metodológicas mencionadas anteriormente, nesta seção. Quanto à abordagem, utilizamos a pesquisa qualitativa, por esta pesquisadora coletar os dados, descrevê-los e analisá-los com base em constructos teóricos pertinentes ao trabalho, e tecer considerações a respeito do objeto em estudo.

⁴ Biderman (2004, p. 194-195), “[...] um problema sério diz respeito aos regionalismos e às palavras que o AURÉLIO classificou como brasileirismos, desde suas duas edições anteriores (1975 e 1986). Constatamos que muitos senões existem neste dicionário quanto a essa matéria. Parece que mestre Aurélio usou como fontes glossários ou vocabulários de qualidade bem heterogêneos.”

2.1 Arcaísmos lexicais: variação, manutenção e mudança

A relação entre cultura e uso do léxico na formação da identidade linguística de um povo é estreita, porquanto exprime as ideias e práticas vividas cotidianamente, ao longo do tempo, e sempre em um contínuo linear e cumulativo. Se o ser humano é fruto de suas vivências, a história de um povo é a guardiã na qual são plasmadas as experiências de vida do homem e de todo o universo que o rodeia. Assim, as escolhas lexicais dos usuários de uma comunidade refletem, também, as práticas sociais e culturais das pessoas desta comunidade, aqui entendida como o espaço privilegiado em que os sistemas de valores são produzidos, agregados, transformados e diferenciados (Coelho, 2010, p. 297).

Percebe-se que o resultado desse processo dinâmico e contínuo, em uma determinada língua em uso, revela sua diversidade em relação à fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e ao léxico. Esse caráter multifacetado e dinâmico é desafiador para os pesquisadores, quando realizam estudos científicos e sistemáticos. Numa perspectiva lexical, essa complexidade se revela em pontos a serem entendidos e considerados, como, por exemplo, o fato de certas unidades lexicais continuarem em uso em uma língua desde que surgiram, de algumas delas entrarem no linguajar através do contato linguístico, de outras serem usadas em espaços restritos, de algumas passarem por processos de variação quanto à forma e/ou ao sentido, como ocorre, por exemplo, com os neologismos. Há outras unidades lexicais que desaparecem temporariamente e voltam ao uso linguístico contínuo, às vezes, com a mesma carga sêmica, com alteração ou diferença de significado, e algumas deixam de ser usadas, sendo, por isto, denominadas arcaísmos.

A definição de arcaísmos, palavras arcaicas, é tratada fartamente pela literatura pertinente, desde as primeiras especulações sobre ‘palavra’, ‘pensamento’ e ‘linguagem’. Leão (2013, p. 17-19) comenta que a manutenção e predominância de arcaísmos é uma característica das línguas transplantadas e dos falares regionais. E, especificamente, em relação ao léxico, a autora salienta que tanto os termos como seu conteúdo semântico ainda são usados em alguns espaços geográficos brasileiros. Por isto, aconselha ao pesquisador averiguar, pelo menos, “[...] um glossário de obra medieval ou apenas, em qualquer gramática histórica, uma lista de termos hoje esquecidos em Portugal: não serão poucos os que andam na boca do povo de cá no Brasil, principalmente em regiões mais isoladas do interior.”

Biderman (2001, p. 136), por sua vez, define arcaísmos como palavras ou expressões fora de uso, antiquadas. Segundo ela, “o desaparecimento de um referente ou de uma realidade qualquer (costume, fenômeno cultural etc.) na vida de uma comunidade, pode levar a palavra que os denomina ao envelhecimento e à morte, perdurando apenas em forma fóssil nos documentos da língua”. A autora esclarece que uma palavra em desuso poderá voltar a ser usada fortuitamente em textos históricos (científicos ou de ficção histórica), ou em criações literárias, quando um artista a reutiliza com finalidade estética. Nesse sentido, complementa: “muita vez o arcaísmo se identifica com um regionalismo brasileiro; de fato, no português do Brasil a manutenção de palavras fósseis do período medieval da língua não é fenômeno raro”. (Biderman, 2001, p. 137).

FLP21(2)

Nessa direção, conforme elucida Gonçalves (2007, p. 48), nos dicionários de outrora, encontravam-se verbetes com a classificação, primeiramente, ‘antigo’ (velho) e, segundo Bluteau (1712, p. 404), ‘antiquado’ (coisa que caiu em desuso). Posteriormente, em 1789, Silva registrou ‘arcaísmo’ com o significado de ‘palavras antigas ou frases em desuso’, e, mais tarde, Monte Carmelo (1767) e outros estudiosos averbaram palavras ‘antigas’ e ‘antiquadas’, termos também adotados pela Academia portuguesa, conforme se lê, na citação de Gonçalves (2007, p. 49): “Palavras antigas se dizem aquellas, que deixando de ser corretas no actual uso da lingua, poderão com tudo (a querelo assim o mesmo uso) renascer, ou por necessidade, ou por elegância, se forem com discrição e moderadamente empregadas”. E mais: “Palavras antiquadas se chamão as que de todo estão esquecidas, chegando algumas dellas a não ser hoje entendidas pelo commum da nação. (DICCIONÁRIO, 1793, p. XVI)” (Gonçalves, 2007, p. 49).

Reportamo-nos, ainda, à definição de arcaísmos dos pesquisadores do Projeto de Filologia Bandeirante. Decidir sobre o que é ou não arcaico foi um dos problemas encontrados por essa equipe, segundo Oliveira (2000, p. 229-230). Ela questiona: “[...] seriam arcaicas as formas usadas nos séculos entre o XV e o XVII, e que continuam a ser empregadas atualmente, ou seriam aquelas presentes nos séculos entre o século XV e o XVII e não mais não usadas?” Conforme a autora, a escolha de qualquer uma das opções direcionaria para problemas, principalmente no tocante ao estudo do léxico, pois, a maioria dos usos seria considerada arcaísmo. Diante de tal impasse, o grupo optou por adotar a segunda noção de arcaísmo, sem deixar de reconhecer que esta também não conseguiria responder, satisfatoriamente, à necessidade da análise em questão, porquanto o elemento tomado como referência para o português brasileiro era do pesquisador.

Em relação ao que desencadeia ou leva vocábulos e expressões à variação, manutenção e arcaização, Coutinho (1976) aponta fatores como: desaparecimento de instituições, usos de objetos/coisas, mudança de hábitos, tabus, modismos, e, também, a substituição de significado de um termo por outros de significado idêntico. Além desses fatores, apontamos, ainda, como causa de arcaização, o fator geográfico, o isolamento relativo, ou seja, os lugares onde há pouco contato com o meio urbano e os meios de comunicação (televisão, Internet, rádio etc.) são precários, o que impede a interação pessoal, e, por fim, os locais onde existem falantes analfabetos ou com pouco conhecimento escolar.

Spina (1987, p. 10-20) adverte que nem sempre é fácil distinguir entre forma arcaica e forma popular, uma vez que a primeira é a que está em desuso no seu tempo e a segunda, a forma antiga, mas ainda viva. Para ele, as formas arcaicas e populares foram usadas pelos escritores portugueses em suas obras, durante o século XVI e no início do XVII. Sua língua era denominada “português velho e relho” (p. 16).

2.2 Periodização da língua portuguesa

Antes do período arcaico, havia o ‘português proto-histórico’, em uma fase marcada pelo uso de palavras e expressões portuguesas escritas em meio ao latim bárbaro dos documentos jurídicos, do século IX ao XII. Sobre esse assunto, Silva Neto (1956 p. 405, 494) anunciou que, apesar de se ter notícia de que a língua portuguesa é falada desde o século IX, os primeiros documentos escritos (doações, compra/venda,

FLP21(2)

Notícia de torto (1214-1216), testemunhos e outros documentos da mesma natureza, jurídica) surgiram nos fins do século XII durante o qual também aparecem os primeiros textos literários em poesia e prosa.

O primeiro livro escrito impresso em português data de 1495 e os primeiros escritos originários do Norte de Portugal foram: um ‘auto de partilha’ (1192), um testamento (1193), o testamento do rei D. Afonso II (1214), uma cantiga de Pai Soares de Taveirós (1189) e outra de D’el-rei D. Sancho I (1194-1199). Esses textos iniciais, segundo Vasconcelos (1946), trazem aspectos predominantes do latim bárbaro, “[...] ou de 1192 em diante, um português alatinado, de ortografia caótica, de sintaxe horrivelmente desconjuntada e vocábulos de feitiço híbrido que, querendo passar por latim, são romance. Só de 1255 para cá, um vernáculo muito hesitante e irregular” (Vasconcelos, 1946, p. 14-15; cf. tb. Janotti, 1974, p. 65-66).

Diferentemente de Vasconcelos, que estabelece o período arcaico entre os séculos XIII e XVI, Castro (2005) divulga e discute a proposta de Cintra, que considera a fase antiga entre o século XIII e as primeiras décadas do século XV, época da formação da língua portuguesa. O mesmo autor apresenta uma segunda fase denominada *português médio* – que se inicia na primeira metade do século XV e se estende às primeiras décadas do XVI. Para Castro (1991, p. 43), “[...] todo o período a que chamamos português médio (ou pré-clássico) foi uma longa transição da língua medieval para uma plataforma estável e clássica”.

Sobre a periodização da língua portuguesa, fase arcaica, Silva (2006, p. 21-26) afirma que não devemos verificar o transcurso temporal de uma determinada realidade linguística sem levar em conta o espaço e os fatos que comprovem o início e final de um período. A delimitação do português arcaico no fluxo da história da língua portuguesa encontra-se entre os séculos XIII e XV. Tem como marcos iniciadores dois documentos escritos: *O Testamento de Afonso II* (1214) e *Notícia de Torto* (1214-1216), mas, ainda não se pode determinar o limite preciso desse período, devido à ausência de fatos linguísticos que o configurem de modo definitivo.

Para esta pesquisa, resumimos arcaísmos linguísticos como modificações naturais (fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e lexicais) de fenômenos estruturais da gramática de uma língua, no decorrer do tempo, e que deixaram de ser usadas. Adotamos, também, a proposta de Cintra, divulgada por Castro (2005, p. 83), para a periodização da fase antiga da Língua Portuguesa, do século XIII ao XV. Ou seja, consideramos arcaísmos lexicais as unidades da Língua Portuguesa usadas naquele período mencionado, fase antiga do português e que, por motivações variadas, deixaram de ser usadas pelos brasileiros na fase contemporânea. Anotamos, como casos de manutenção lexical, itens léxicos pertencentes a sincronias pretéritas da língua portuguesa e que não fazem parte do uso corrente da fala de alguns brasileiros e nem da variedade padrão do português, mas, ainda, se encontram presentes na variedade do português popular, ou acantoadas em falares das áreas rurais e urbanas. Tomamos como instrumentos de verificação para essa análise referências lexicográficas, como dicionários e pesquisas que tratam do léxico e de dialetologia.

FLP21(2)

2.3 Os gurutubanos

Em um passado não muito distante, o território quilombola gurutubano constituía um único rincão, tudo pertencia a todos e não havia divisão. Hoje, ele está ‘organizado’ em Território Quilombola Gurutubano constituído por 30 (trinta) comunidades, com 5.600 (cinco mil e seiscentos) habitantes distribuídos em 650 (seiscentas e cinquenta) famílias. Situa-se na região Norte de Minas Gerais, no Vale do Gorutuba. As comunidades de Açude, Barra do Pacuí, Barroca, Canudos, Califórnia, Gado Velhaco, Gorgulho, Guerra, Jacaré Grande, Lagoa do Barro, Lagoa dos Mártires, Loreana, Malhada Grande, Pacuí I, Pacuí II, Pacuí III, Pé de Ladeira, Picada, Poções, Salinas II, Salinas Maravilha, Tabua, Taperinha I, Taperinha, Vila do Pacuí, Vila Santa Helena, Vila Santa Rita, Vila São Sebastião, Vila Sudário, Vila União estão localizadas nos municípios de Catuti, Gameleiras, Jaíba, Janaúba, Montes Azul, Pai Pedro e Porteirinha.

Costa (2006) informa que pequenos grupos de negros que haviam conseguido escapar da escravização já habitavam a região do Rio Verde Grande e do Rio Gorutuba, antes da presença de portugueses no século XVI, e esses se juntaram aos indígenas que já viviam na região. Os gurutubanos viviam relativamente isolados, até o início do século XX e, a partir dessa época, passaram a ser perseguidos, enganados e expulsos de suas terras pelos fazendeiros, empresários exploradores de carvão e criadores de bovinos para corte, entre outros. De acordo com Costa Filho (2005, p. 47), tratava-se da maior comunidade brasileira, majoritariamente negra no seio da qual predominava a violência e a miséria.

Atualmente, o povo gurutubano vive em condições precárias; os idosos são aposentados e algumas famílias recebem ajuda dos programas sociais do governo. Grande parte dos jovens migra para os grandes centros brasileiros como São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, em busca de trabalho e melhores condições de vida; outros trabalham temporariamente para fazendeiros vizinhos de suas terras ou de outros lugares próximos como Jaíba, Mato Verde, Monte Azul, Pai Pedro, Porteirinha.

A maioria dos homens do campo, até mesmo os idosos, ainda produz o sustento da família. No tocante à escravidão e à sua origem africana, embora tenham sido reconhecidos por lei como ‘quilombolas’, devido à comprovação de critérios exigidos para tal como os aspectos históricos, antropológicos e territoriais (a ancestralidade comum, as formas de organização política, social e cultural e os elementos linguísticos e religiosos), os gurutubanos não se recordam de, e muito menos levam em conta, fatos e aspectos sobre a escravidão, ascendência africana e/ou indígena, tão valorizados pela Academia. Eles se consideram gurutubanos nascidos e criados no território do Vale do Gorutuba, enfim, cidadãos brasileiros.

Quanto à saúde, há um posto de saúde em todo o território, mas funcionando precariamente. O índice de mortalidade infantil é altíssimo e doenças como a de Chagas, anemia falciforme, desnutrição infantil e os problemas decorrentes dessas doenças, como a cegueira, por exemplo, assombram os moradores do lugar.

No que tange à religião, predominam a católica mesclada a práticas africanas, as rezas, folias, novenas, ladainhas, os batuques e outras manifestações de fé, comemorações de casamentos, despedidas de entes queridos, entre outras crenças, e atividades culturais.

Em relação à educação, o território conta com poucas escolas de Ensino Fundamental e possui uma de Ensino Médio. A taxa de analfabetismo é bastante alta. Sobre a variedade do português brasileiro falado pelos gurutubanos, os moradores dos arredores do Vale do Gurutuba a percebem e a estigmatizam: alguns dizem não entender o que os gurutubanos falam, outros garantem que eles falam uma língua diferente do português. O curioso é que eles todos se comunicam, apesar de todas as diferenças linguísticas. Além das observações apontadas por Coelho (2010), outro pesquisador, Costa Filho (2008), já havia registrado e descrito atitudes preconceituosas e violentas, em relação às citadas diferenças linguísticas.

2.4 Constituição do corpus

Uma vez que nosso objetivo nesta pesquisa foi estudar o léxico do povo gurutubano, trabalhamos com o mesmo corpus selecionado para a tese intitulada *Os gurutubanos: língua, história e cultura*, (Coelho, 2010), uma amostra⁵ constituída por 38 (trinta e oito) informantes, moradores que nasceram e sempre viveram na comunidade gurutubana, sendo 22 (vinte e dois) do sexo feminino e 16 (dezesesseis) do masculino, organizados em três gerações: a) jovem: 14-25 anos, b) adulta: 26-55 anos, c) idosa: 56-86 anos. Para a constituição desse corpus, foram levadas em conta as categorias: classe social (mais privilegiado e menos privilegiado), sexo, escolarização, ocupação, grau de contato com o meio urbano (maior ou menor), faixa etária, como prováveis responsáveis pelo comportamento linguístico em estudo.

As entrevistas foram gravadas a partir da metodologia laboviana (Labov 1972), algumas informações foram obtidas por meio de anotações, observações etnográficas, conversas informais, sem qualquer limitação de tema ou assunto, mas outras falas foram direcionadas para assuntos relativos a festas religiosas, hábitos, costumes da vida cotidiana rural, bem como para questões sobre sua cultura e seus 'causos' e os da região.

Por motivos de ordem ética, os informantes da pesquisa estão identificados por seu número de arquivo e por seu código. Esclarecemos que a coleta dos dados gravados, anotados e fotografados foi autorizada pela senhora Faustina Soares Santana, líder da comunidade à época, porque a maioria dos informantes era analfabeta. Além disso, todas as gravações foram autorizadas por cada um dos informantes, oralmente, antes do início de cada registro de fala.

A partir das transcrições das 38 (trinta e oito) gravações, para proceder à descrição do vocabulário do povo gurutubano, selecionamos as unidades léxicas representativas dos hábitos, costumes e da cultura gurutubana coletados, pessoalmente, da fala de indivíduos desprevenidos, conforme sugerido por Amaral (1976, p. 44). E, levando em conta as observações de Tarallo (1994, p. 19), consideramos, também, as lexias que nos eram desconhecidas, as não mais usadas em contextos de predominância de uso da variedade padrão e as já noticiadas pela literatura, como os casos de manutenção linguística.

⁵ O quadro com o perfil social dos informantes da amostra pode ser consultado no Anexo deste trabalho.

Para esta pesquisa, o corpus constitui-se de 254 (duzentas e cinquenta e quatro) unidades léxicas⁶ organizadas em fichas lexicográficas elaboradas seguindo as orientações teóricas e considerando as especificidades da pesquisa. A ficha que contém o registro dos dados de cada lexia selecionada tem como objetivo listar, organizar e apresentar os dados colhidos para a análise qualitativa. Por exemplo, observamos se e como a lexia estava dicionarizada pelos lexicógrafos selecionados para a pesquisa, um dos parâmetros utilizados por eles para verificar o *status* de uma unidade lexical em uma língua, isto é, se essa fazia ou não parte do repertório lexical da língua. Verificamos, então, quando possível, a etimologia do item lexical, e se os autores o consideravam como arcaísmo, se havia variantes do vocábulo, se a lexia e/ou as suas variantes eram registradas em outras regiões mineiras, através de pesquisas realizadas pelo *Projeto Léxicos Regionais* (UFMG). Usamos ‘n/e’ para indicar o não registro da lexia em referências consultadas na pesquisa.

As obras lexicográficas foram selecionadas para nos darem suporte, para atingirmos os objetivos a que nos propusemos com esta pesquisa, ao estudarmos o repertório lexical do português falado pelos gurutubanos. Dentre esses objetivos, encontram-se: descrever o léxico arrolado em fichas lexicográficas, objetivando as análises semânticas das acepções das lexias selecionadas, e compará-las com as encontradas em obras lexicográficas entre os séculos XVII e XXI; identificar vestígios de vocabulários antigos setecentistas e oitocentistas que possam se configurar como casos de manutenção linguística no léxico do português falado pelos gurutubanos. Para tanto, as obras lexicográficas selecionadas incluem as publicadas em tempos cronológicos distintos e relevantes, desde o século XVIII até os dias atuais, a saber: século XVII: *Thesouro da língua portuguesa* – Bento Pereira (1647); século XVIII: *Vocabulário portuguez e latino* – Rafael Bluteau (1712-1728); século XVIII: *Dicionário da língua portuguesa* – Antônio de Moraes Silva (1789); século XX: *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* – Laudelino Freire (1957 [1952]); século XXI: *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; século XXI: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* – Antônio Houaiss; Mauro de Salles Villar (2010 [1982]); século XX: *Dicionário etmológico nova fronteira da língua portuguesa* – Antônio Geraldo da Cunha (2010), obra de referência cujo objetivo é informar e garimpar o étimo dos vocábulos relacionados neste trabalho.

Salientamos que, com o andamento da pesquisa, percebemos que era preciso conhecer a organização de cada obra para garimpar o vocábulo pretendido, pois cada uma delas possuía objetivos e normas singulares. Então, após consultar os dicionários listados anteriormente, pesquisamos em algumas obras consideradas referências do português brasileiro não padrão: o *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais* (Antunes, 2013); *O dialeto caipira* (Amaral, 1976 [1920]), *Dicionário de vocábulos brasileiros* (Beaufrepaire, 2007 [1889]), *Dicionário brasileiro da língua portuguesa* (Soares, 1889-1955); *A língua do Brasil* (Melo, 1981 [1945]), entre outros. Investigamos ainda algumas pesquisas sobre o léxico do português mineiro realizadas pelo grupo de pesquisa *Léxicos Regionais* (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais).

A seguir, a título de ilustração, apresentamos uma ficha com o registro de uma lexia.

⁶ Unidade de comportamento léxico, unidade funcional significativa do discurso. Pode ser simples, ‘água’; composta, ‘água venença’ ou complexa, ‘a valença’.

Quadro 1 – Ficha lexicográfica 213 - lexia: 'ribuçar'.

213 **RIBUÇA(R)** <ribuçava> v.

“...pa’ mode fura pa’ dirrubá o pau pa’ cortá e e pegova o pone e ribuçava o zoi anssim...” (CFO1G11-12)

Registro em obras lexicográficas:

1. Bento Pereira: **Rebuçar**. Mento pallium, obvolvere. Rebusco, vide rabisco. Rabisco, rabiscar: vindemiolas facere.
2. Bluteau: **Rebuçar-se**. Cobrir alguma parte do rosto com a capa, lançando-a sobre o rosto. Dissimular, disfarçar. Ocultar.
3. Freire: **Rebuçar**. v. Cobrir com capa ou com rebuço. Velar ou cobrir parte da face. Disfarçar, dissimular, ocultar.
4. Moraes Silva: **Rebuçar-se**. v. Cobrir a metade do rosto com o capote, ou capa, mantilha, ou carapuça de rebuço para se enconbrir, disfarçar ou evitar o mormaço do sol no rosto.
5. Aurélio: **Rebuçar**. v. Encobrir com rebuço; embuçar. Esconder, ocultar, velar.
6. Houaiss: **Rebuçar**. v. (s. XV cf. FchiIVPM) cobrir(-se) com rebuço, ocultar(-se).
7. Cunha: **Rebuçar**. v. < Boca ‘cavidade na parte inferior da face, pela qual os homens e os outros animais ingerem os alimentos, e ligada aos órgãos de fonação e da respiração’ XIII. Do lat. *bŭccam*. || rebuçar vb. ‘embuçar’ XVI. Embuçar vb. ‘cobrir o rosto até os olhos’ ‘disfarçar, encobrir’ XVI.

Registro no Projeto “Léxicos Regionais”:

- a. Cordeiro (2013): **Ribuçar** (A) [V] Port. (CUNHA, 1986) Cobrir. “...aqui subia em cima de teiado e travava os muro duma casaincarbá e enripava e **ribuçá** e tudo.” (Entr.5, linha 204)
- b. Freitas (2012): n/e.
- c. Miranda (2013): **Rebuça(R)**. (A). [V]. Port. O mesmo que se cobrir. “E Zé Mané ia oiá passarinho no arroz... cê podia ir lá que ele tava deitado... ele durmia assim de... **ribuçava** de areia...” (Entr. 7. linha 185)
- d. Ribeiro (2016): n/e.
- e. Souza (2014): **Ribuçar**. v. “...e eu botei a goma e **ribucei** com as toalha de mesa sabe?...” (36; 354). **Ribuçada**. adj. “...eu já morei muito em casa de enchimento... **ribuçada** com paia de coqueiro. Entr.: É... ribuçada? Inf.: É **ribuçada** com paia de coqueiro... chama até palmeira. Entr.: Casa de enchimento que o senhor fala como é que é? Inf.: É tudo... de madeira... fazia a casinha e armava e **ribuçava** com paia de coqueiro...”. (18; 536-540).

Observações:

1. **Ribuça**. v. (rebuçar ‘embuçar’, s. XVI; de *boca* ‘cavidade da face pela qual homens e animais ingerem os alimentos’, s. XIII; do lat. *bucam* – AGCUNHA). Cobrir o corpo até a boca com cobertor, lençol, para protegê-lo da chuva, do frio, do vento. *Vai, minha filha, vai lá no quarto vê se ele tá ribuçado. Leva essa manta pra ribuçá Horaço que hoje tá frio.* (ANTUNES, 2013, p. 208).

Fonte: Elaborado pela autora.

FLP21(2)

3 ANÁLISE DO CORPUS

3.1 Registro das unidades lexicais em referências lexicográficas

A partir da sistematização dos dados e, considerando que o objeto de estudo desta investigação é a análise semântica de unidades lexicais do português falado pelos gurutubanos, definimos como objetivo geral deste trabalho casos de variação, mudança e/ou manutenção naquelas unidades. Para tanto, analisamos as informações contidas nas 254 (duzentos e cinquenta e quatro) fichas lexicográficas e constatamos que, em relação ao número de unidades léxicas, nos 07 (sete) dicionários, 203 (duzentos e três) estão registradas, o que representa 80%, sendo que 51 (cinquenta e uma), 20%, não foram localizadas.

Salientamos que consideramos como não dicionarizados os itens lexicais do português falado pelos gurutubanos não listados nos dicionários selecionados para a comparação mencionada e também aqueles que apresentaram alterações significativas em sua forma gráfica. As 51 (cinquenta e uma) unidades lexicais não encontradas foram: *a quanto*, *a valença*, *água venença*, *arreboca(r)*, *bambaço*, *batido da era véa*, *bilidade*, *bom de boso*, *caba(r) com a vida do peão*, *cai(r) doento*, *carmose*, *coringa(r)*, *cuma diga*, *da(r) conta de*, *da(r) cuada*, *de boso e prosa*, *derna*, *disbandela(r)*, *disbranda(r)*, *discavaca(r) o pé do juda*, *disfracada*, *distraze(r)*, *dimais da conta*, *dinifica(r)*, *faze(r) da natureza a foça*, *fudiga(r)*, *im*, *ingera(r)*, *ingota(r)*, *ingravidessa*, *inba*, *inhora*, *isguarita(r)*, *larga(r) de bertage*, *leva(r) po(r) profissão*, *ni*, *p'ra mode*, *picidamente*, *piniquim*, *pispia(r)*, *pó(r) baxo*, *pu(r) idea*, *p'raculá*, *prestá(r) assunto*, *sapatom*, *saputemolo*, *sartifa*, *te(r) noda de ve(r)*, *todulos*, *toma(r) pu(r) riba*, *zimpompo*.

Destacamos que, nos 51 (cinquenta e um) itens lexicais não dicionarizados, encontramos 11 (onze) em referências científicas lexicográficas e/ou dialetológicas, *bambaço*, *cuma diga*, *derna*, *im*, *inhora*, *isguarita(r)*, *ni*, *p'ra mode*, *pispia(r)*, *sartifa*, *todulos*, perfazendo assim um total de 214 (duzentas e quatorze) unidades lexicais encontradas, o que equivale a 84%. O resultado de registros e de não registros dos itens lexicais nos direcionou para o entendimento de que a maioria do repertório lexical do português falado pelos moradores gurutubanos já está registrada por algum estudioso da língua portuguesa, em algum momento de sua evolução.

Observando as características de cada obra, como a referência lexicográfica padrão e a periodização, citamos as ocorrências de itens lexicais do total de 203 (duzentas e três) leixias registradas em dicionários: s. XVII, Bento Pereira: 132 (65%); s. XVIII, Bluteau, 137 (68%) e Morais Silva: 148 (73,9%); s. XX, Freire: 188 (93%); s. XX, Cunha, 166 (82%); Houaiss: 196 leixias (97%) e Aurélio: 194 (96%). Percebemos, nesta listagem de dicionários, uma ordem cronológica nas publicações, em relação ao aumento gradativo do número de itens lexicais, considerando-se o espaço de tempo, do século XVII ao XXI, ocorrência esperada, dado que, quanto maior for o tempo decorrido, conforme indica a Tabela 1, a seguir, maior será o número de registros de itens lexicais. Esse fato fica patente nas duas maiores obras lexicográficas atuais, Aurélio (194 itens lexicais) e Houaiss (196 itens lexicais), assinalando entre uma e outra obra uma diferença de apenas dois vocábulos, sendo a escolha de termos dos dois lexicógrafos quase unânime, pois os dois únicos vocábulos não encontrados em Houaiss foram, 'da(r) pu(r) fé' e 'ponha(r)', e em Aurélio, 'entom', 'finitivo' e 'infrac(r)'.

Tabela 1 - Distribuição das 203 Unidades Lexicais nos Dicionários.

<i>Dicionaristas</i>	<i>Dados de publicação</i>	<i>N.º de ocorrências</i>	<i>%</i>
1. Bento Teixeira	XVII (1647)	132	65
2. Bluteau	XVIII (1ª metade - 1728)	137	68
3. Morais Silva	XVIII (2ª metade - 1789)	148	73
4. Freire	XX (1ª metade - 1952)	188	93
5. Cunha	XX (1986)	166	82
6. Houaiss	XXI (2007)	196	97
7. Aurélio	XXI (2010)	194	96

Fonte: Elaborado pela autora.

O resultado apresentado na Tabela 1 nos permite inferir que o trabalho do lexicógrafo preza pela continuidade, pois, geralmente, compila o léxico de uma determinada língua ao longo do tempo, verifica o status dos itens lexicais em desuso, a variação e a mudança, e registra aqueles usos em vigor que ainda não foram contemplados em obras acadêmicas destinadas a essa tarefa, como o dicionário, o vocabulário e o glossário. Sobre esse fator de perenidade, citamos alguns vocábulos do português falado pelos gurutubanos que se encontram presentes em todas as obras e com a mesma forma de registro e acepção: ‘acudí(r), estar disposto a auxiliar’; ‘afugenta(r), pôr em fuga, afastar’; ‘alumia(r), iluminar’; ‘aparta(r), afastar’; ‘bota(r), por pessoa ou coisa em algum lugar’; ‘cousa ~ coisa ~ cosa, aquilo que existe ou pode existir’; ‘causo, acontecimento’; ‘chegado, próximo a’; ‘incosta(r), aproximar’; ‘era, período de tempo determinado por acontecimento histórico’; ‘finada, falecida’; ‘labuta(r), lidar, trabalhar’; ‘peleja(r), batalhar, lutar’; ‘zela(r), cuidar’.

Listamos também algumas unidades lexicais não localizadas em nenhum dos 07 (sete) dicionários, como: *água venença*, *arreboca(r)*, *bambaço*, *coringa(r)*, *distraze(r)*, *disbandela(r)*, *disbranda(r)*, *disfracada*, *fudiga(r)*, *ingera(r)*, *isguarita(r)*, *saputemolo* e, entre esses, recortamos duas que, talvez, não terão seu registro no repertório formal da língua portuguesa, por terem ocorrido apenas uma vez, as quais foram colhidas em entrevista com informantes bastante idosos e, também, pelo grau de estranhamento causado a esta pesquisadora. São eles:

- (1) *Arreboca(r)* com acepção ‘escrever’: “...*ieu mai eu arreboco anssim mode ieu... fô... de eu... folá é só o o né... que qu’esse o o já é mais... ogora o Orozina Ferrera da Cruzã... aí pa’ fozê eu non foço non...* (CFO1G11-12).
- (2) *Fudiga(r)* com o sentido de trabalhar, labutar: “...*né... ieu ainda fudigo aí... já tô veim...* (APA1G04).

Sobre o maior número de informações de datação e origem dos vocábulos, destacamos, especificamente, o dicionário etimológico de Cunha e o de Houaiss. No

tocante ao registro de traços de notícias de variação e/ou mudança do português, apontamos o dicionário de Freire (1954, viii), cuja preocupação é registrar “[...] vocábulos em geral ou palavras próprias da língua, expressões idiomáticas, dizeres, modismos, brasileirismos e regionalismos, variantes morfológicas dos vocábulos, ainda que erradas, mas admitidas pelo uso comum”.

Em relação à origem dos vocábulos, conforme indicado pela literatura pertinente, o léxico da língua falada no Brasil é um contínuo do português de Portugal. Nesse sentido, destacamos Melo (1981, p. 117), quando afirma que “[...] a língua brasileira é muito portuguesa demais.”

Encontramos 178 (70,1%), de um total de 254 das lexias em estudo, como sendo de origem portuguesa/latina. As 76 lexias restantes, o que equivale a 29,9%, distribuem-se em origens: africana 0,4%, francesa 3,5%, castelhana-espanhola 2%, italiana 1,2%, árabe 0,8%, brasileira 7%, indígena 1,2% e desse montante, 15 lexias (6%) não foram encontradas nos dicionários consultados, 16 (6,3%) são consideradas pelos dicionaristas como de origem desconhecida, controversa ou incerta. Além dessas origens mencionadas, encontramos 04 lexias (1,5%) com formação morfológica híbrida, ou seja, unidades lexicais constituídas do encadeamento de vocábulos de línguas diferentes.

3.2 Casos de variação, manutenção e mudança lexical

Para analisar casos de variação, manutenção e mudança no léxico do português falado pelos gurutubanos, pautamo-nos pelos pressupostos teóricos mencionados anteriormente, que orientaram esta pesquisa, e apontaram que, assim como ocorre com os outros subsistemas da língua em uso, o fonológico, morfológico, sintático, semântico, o léxico também varia, muda, conserva aspectos linguísticos, de acordo com as necessidades e conformações comunicativas do contexto histórico, social, cultural e político. E isso ocorre, também, por fatores estruturais inerentes à organização de uma língua em uso e em interação, pois as línguas evoluem e se alteram através do tempo e no espaço, mesmo sob a interferência de fatores não estruturais.

Nessa linha, Carvalho (2009, p. 33) afirma que

o acervo lexical, nomeando o mundo exterior, reflete a cultura da sociedade à qual serve de meio de expressão. A língua como um sistema entrelaçado com todos os seus componentes ligados, mas um sistema *in fieri* e não um sistema *in esse*. Verifica-se que não só velhas formas desaparecem e surgem no decorrer da história da língua, como também as relações entre as formas e seus conteúdos estão em constante mudança. Qualquer extensão no significado de uma forma envolve uma redução correspondente no significado das que dela dependem.

Com base nesse viés teórico, considerando apontamentos sobre lexicologia de Amaral (1976, p. 56-57), e seguindo critérios estabelecidos para a sistematização dos dados citados anteriormente, definimos quatro categorias para identificar algumas ocorrências de variação, manutenção e mudança, e, em seguida, analisamos e apresentamos informações linguísticas sobre o acervo lexical do português falado pelos gurutubanos. As categorias são: (a) manutenção da forma e da acepção das unidades léxicas; (b) manutenção da forma e diferença de acepção das unidades léxicas; (c) variação da forma do português falado pelos gurutubanos e nos registros de dicionários

e manutenção da acepção; (d) itens lexicais que mantiveram a forma e apresentaram expansão semântica, ao longo do período do século XVII ao XXI.

Em relação à primeira categoria, (a) *manutenção da forma e da acepção das unidades léxicas*, consideramos que a forma da unidade léxica produzida pelos gurutubanos conserva a mesma forma identificada nos dicionários consultados. O mesmo ocorre com a acepção da lexia, que se mantém. Ao analisarmos as 203 unidades léxicas dicionarizadas, verificamos que 73 unidades lexicais, que equivalem a 40% do total, conservam a mesma forma e acepção. As 73 unidades⁷ são: *abasta(r)*, *acudi(r)*, *afugenta(r)*, *aparta(r)*, *apavorado*, *apega(r)*, *arria(r)*, *baxio*, *bota(r)*, *boca da noite*, *braba*, *buraca*, *cabimento*, *cacunda*, *capricho*, *chegado*, *conforto*, *congote*, *cumbuca*, *da(r) pu(r) fê*, *deferença(r)*, *diacho*, *doentia*, *entom*, *entonce*, *entra(r)*, *era*, *finada*, *finitivo*, *funda(r)*, *guela*, *iaia*, *inda*, *inhô(r)*, *injura(r)*, *intê*, *isprito*, *jacuba*, *jagunço*, *judia(r)*, *junta*, *labuta(r)*, *licença*, *luita*, *madura*, *malineza*, *mantimento*, *massa*, *meia*, *mete(r)*, *mixaria*, *moda*, *morada*, *mucado*, *pão de cada dia*, *peleja(r)*, *pera*, *picadão*, *pilota*, *pracata*, *raivosa*, *redondeza*, *roda*, *socada*, *taca(r)*, *tapera*, *tirada*, *tirante*, *tora(r)*, *trela(r)*, *varea(r)*, *vinga(r)*, *voga(r)*. Esse resultado revela uma tendência para o conservadorismo na língua portuguesa do Vale do Gurutuba.

Das unidades léxicas citadas anteriormente, 11 (14,3%) são consideradas em desuso por quase todos os dicionaristas: *abastar*, *entom*, *entonce*, *era*, *finada*, *iaia*, *intê*, *luita(r)*, *malineza*, *pera*, *voga(r)*.

No tocante à categoria (b), *manutenção da forma e diferença de acepção da unidade léxica*, do total de 203 lexias dicionarizadas, identificamos 09 (nove) casos que apresentaram manutenção em relação à forma, mas acepção diferente daquela dada pelo contexto linguístico da abonação. São elas: *assistenta* (parteira), *cabeçal* (trave de madeira de carro de boi), *carrero* (viagem), *coronte* (nome da árvore urucum), *divulga(r)* (enxergar), *ioiô* (vovô), *sabnero* (mesa do carro de boi), *taca(r)* (colocar) e *trinca(r)* (acabar). Para ilustrar as ocorrências, citamos excertos de algumas falas:

(3)

a. ‘**assistenta**’:

“...o minine meu... ela já morreu... a muié já morreu... foi ãa muié que chomava Zabé... é era assistenta... ora que ar muié sentia dô... inha atrás dela... era era assistenta...” (CST2G05).

b. ‘**cabeçal**’:

“...na subida dũa lodera... o cabeçal sobo... condo dá p’ru fé... boi tá isgonone... né!” (CSJ1G14-15).

c. ‘**carrero**’:

“...mais aqui... Acaricida ês nom tem fazido carrero noum...” (SRMKC04).

d. ‘**coronte**’:

“...é coronte... o pé de coronte desse oque... qué vê... é qué cabô o pó... essa semente...” (CFO1G11-12).

e. ‘**divulga(r)**’:

“...é esse aqui eu num incherço nada... só fechá aqui... num teim mundo p’ra mim... o oto divulgo mar poquim...” (LFL1G03).

⁷ Os verbos flexionados e registrados no corpus na forma do infinitivo, foram contabilizados para essa análise.

- f. **'ioiô'**:
 "...é meu avô... eu tratavo meu avô ota ora é ioiô..." (CST2G05).
- g. **'sabuero'**:
 "_Inf. ...oqui nom tinha... é corro de boi... pegova os boi e trelavo... tinha ar conga que trevessavo anssim ùa do lado da ota...
 _Doc. ...o quê?
 _Inf. ...conga... conga de madeira nos boi... nom tinha corrochom... nom...
 _Doc. ...de colocar assim?
 _Inf. ...é:: tinha o que gento senta im riba e os boi lá na frente e o corro evai atrás... as rodera de peneu... vá rodono... né... de peneu... ùa do lado ota de oto e o sabuero no mei...
 _Doc. saboeiro?
 _Inf. ...é... sabuero de pau de madeira...
 _Doc. ...p'ra que serve o sabueiro?
 _Inf. ...o sabuero é pa' sigurá... a a aquela... a mesa do corro do corro... pa' sigurá a mesa do corro... pa' sigurá a mesa..." (CFO1G11-12).
- h. **'taca(r)'**:
 "...da ora queu fui crescenin... non essa liberdado mar non... era só meu pai... tacavo no sirvice... tacovo no service..." (CST2G05).
- i. **'trinca(r)'**:
 "...condo chegova era cum um meleto... um tatú... e agora corqué hora era um papagai... tudo nom picisavo de gento tá comprono corne... de jeite nium... mar agora trincô esse... jacú trincô tudo essis treim..." (CST2G05).

A análise das unidades léxicas pertencentes à categoria (c), *variação da forma do português falado pelo gurutubano e nos registros de dicionários e manutenção da aceção*, resultou na identificação de 103 (50,7%) casos, dos 203 dicionarizados. As variações identificadas nas formas vocabulares se encontram predominantemente em fones e/ou fonemas relacionados às vogais produzidas, naturalmente, durante o processo de produção dos sons; são fenômenos naturais, inerentes à linguagem falada e intitulados pela literatura pertinente como 'processos fonológicos'. Conforme Sanford (1973, p. 49-61), quando segmentos sonoros são alterados por seus falantes, devemos verificar que segmentos, em quê e sob quais condições se modificaram, pois, quando os morfemas são reunidos na formação de palavras, os segmentos fronteiros tornam-se justapostos e, em determinadas orações, podem se modificar, e isto ocorre, às vezes, sem eles estarem em contato direto com outro segmento. Para esse autor, tais processos podem ser verificados em descrições linguísticas sincrônicas e diacrônicas. Os processos fonológicos podem ser assim organizados: (a) 'processos de assimilação de traços distintivos: os segmentos tornam-se mais parecidos entre si': "*esmorecadinha* > <*ismuricidinha*> – [ismurisidiṽ]"; (b) 'processos de estrutura silábica: alteração na distribuição em relação às consoantes e/ou vogais': "*brilhantina* > <*bulantina*> - bu. lã. tĩ. ñ - [bulãtĩñ]"; (c) 'processo de enfraquecimento e fortalecimento: modificação dos segmentos segundo sua posição na palavra': "*desgraçado* > <*disgraçadu*> [disgrasud̃]"; (d) 'processos de neutralização: os segmentos fundem-se em contextos específicos': "*romper* > <*rumpê(r)*> – [rũpe]".

Os 103 itens lexicais que caracterizam casos de variação da forma do português falado pelos gurutubanos e nos registros de dicionários e preservação do significado são: *adondo, adonde, aonde, onde* / *adura(r), durar* / *alembra(r), lembrar* / *alumia(r), iluminar* / *anté, até* / *apose, após* / *arriba(r), arribar* / *arroze, arroz, arroz* / *avexade, avexado* / *bão, bom*

/ *bera(r)*, *beirar*, / *bilisca(r)*, *beliscar* / *bulantina*, *brilbantina* / *caça(r)*, *caçar* / *caluria*, *caloria* / *carroçom*, *carroção* / *causo*, *caso* / *cinzere*, *cinzeiro* / *congaia*, *cangalba* / *corenta*, *quarenta* / *cousa*, *coisa*, *cosa* / *criosena*, *crioseno*, *querosene* / *cuma*, *cumo*, *como* / *de premero*, *de primeiro* / *derradera*, *derradeira* / *diligença*, *diligência* / *dimuda(r)*, *demudarse*, *demudar* / *disgraçado*, *desgraçado* / *dismantela(r)*, *desmantelar* / *dispena(r)*, *despenar*, *depenár*, *depenar* / *divera*, *deveras* / *dorádio*, *dourado* / *diquiri(r)*, *acquirir*, *aquirir*, *adquirir* / *durmida*, *dormida* / *freguese*, *freguês* / *frenta(r)*, *ferventar*, *aferventar* / *gerêença*, *gerência* / *gomela*, *gamela* / *gurdura*, *gordura* / *im antes*, *em antes*, *antes* / *imbarriade*, *imbarria(r)*, *imbarrar*, *embarrarse*, *embarrear* / *imbola(r)*, *embolar* / *imbotada*, *embolotar* / *impata(r)*, *empatar* / *incafiça(r)*, *encafiça(r)* / *incosta(r)*, *encosta* / *incurrado*, *encurrado* / *incusta(r)*, *encurtar* / *indução*, *educação* / *infara(r)*, *enfarar* / *infia(r)*, *enfiar* / *infraquia(r)*, *enfracar* / *inframa(r)*, *inflamar* / *inraba(r)*, *enrabar* / *intraia(r)*, *entralhar* / *invara(r)*, *envarar* / *iscapuli(r)*, *escapular* / *iscorraça(r)*, *escorraçar* / *isgona(r)*, *esganar* / *ismuricidinba*, *esmorecer* / *istombo*, *estômago*, *estambo*, *estâmag* / *istorada*, *estourada* / *jinela*, *janela*, *ianella*, *janélla* / *lambonça*, *lambança* / *loto*, *lote* / *maise*, *mas*, *maise*, *mase*, *maiso*, *mas* / *masiado*, *amasiado* / *meleto*, *melete* / *midida*, *medida* / *miudim*, *miudinbo* / *mixido*, *mexido* / *moniva*, *maniva* / *nascimento*, *nascimento* / *naçom*, *nação* / *orcansa(r)*, *alcançar* / *padice(r)*, *padecer* / *passa taba*, *passar tábua* / *pau-a-pico*, *pau-a-pique* / *pisa(r)*, *pisar* / *ponhá(r)*, *ponhar* / *pose*, *posso* / *preca*, *perca* / *rapezim*, *rapezinho* / *rasta(r)*, *arrastar* / *ribuça(r)*, *rebuçar*, *rebuçar-se* / *rumpe(r)*, *romper* / *sale*, *sal*, / *samia(r)*, *semear* / *senbaró*, *sanbaró*, / *serene*, *sereno* / *sigura(r)*, *segurar* / *soda(r)*, *saudar* / *sumona*, *somana*, *semana* / *sunta(r)*, *assuntar* / *territoro*, *território* / *tonta(r)*, *tontear* / *trespassa(r)*, *trespassar* / *tuada*, *toada* / *zela(r)*, *zelar* / *ziria*, *virilha* / *zolo*, *olho* / *zoreia*, *orelha*.

Essas alterações vocálicas e consonantais do português brasileiro são conhecidas e já anunciadas por Amaral (1976), Melo (1981) e Silva Neto (1970), entre outros autores. Aquelas alterações são mencionadas, também, por pesquisadores do português falado em lugares de Portugal, como Vasconcelos (1901, 1926, 1959, 2013), Maia (1986), Cruz (1991), Simão (2016) etc.

Por fim, a categoria (d): *itens lexicais que mantiveram ou alteraram a forma e apresentaram expansão semântica, ao longo do período do século XVII ao XXI*. Isto é, algumas unidades lexicais apresentaram manutenção no tocante à forma e à expansão na sua aceção. Do total de 203 itens lexicais, 10 casos (4,9%) apresentaram manutenção no tocante à forma e à expansão na aceção, e outros 08 casos (3,9%) apresentaram variação em relação à forma e expansão da aceção, no decorrer dos séculos XVII ao XXI.

Conforme afirmado ao longo desta pesquisa, todos os níveis do sistema gramatical de uma língua em uso passam por processos de variação, mudança, conservação. O mesmo ocorre também ao léxico, pois esses processos são inerentes à essência da língua em uso. Além de casos de variação, mudança e manutenção, alguns vocábulos que não são mais usados pelos falantes de uma língua, segundo Biderman (1978, p. 139), podem voltar a ser usados com significações semelhantes ou com novas conotações, e isso é um processo de criação e recriação enriquecedor para o léxico. Nesses casos, são considerados neologismos semânticos, por, geralmente, constituírem necessidades novas de novos usos que causam alteração semântica e ampliam o léxico. Carvalho (2009, p. 34) postula que “[...] toda língua viva tem seus mecanismos de ampliação do léxico, que resultam em dois processos: i) o processo de criação dentro da própria língua; e ii) o processo de adoção e adaptação de um termo

de língua estrangeira.” Interessa-nos, neste trabalho, a análise do primeiro mecanismo de ampliação lexical, “a criação dentro da própria língua”.

Nesse sentido, Carvalho (2009, p. 35), esclarece que

[...] a criação lexical divide-se em dois grandes grupos: inovação na forma ou neologismo formal, mudança no significado ou neologismo semântico. Na inovação ou criação formal, podem ser usados os processos de composição ou derivação – processos herdados do latim –, mas, também esta criação poderá advir de uma sigla – TV, IR, CPMF –, de uma gíria – manerar, paquerar, ficar –, de uma onomatopeia – clique, bipe –, de uma redução – loto, moto, foto, refri, hórtil, fone, apê.

Corroborando a posição de Carvalho, Alves (2007, p. 5) afirma que o repertório das línguas em uso renova-se constantemente e, a esse processo ele denomina criação lexical neológica, sendo o neologismo a palavra resultante do processo de criação. Neologismos são, então, mecanismos de criação de unidades léxicas novas derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou por empréstimos de outros sistemas linguísticos. Pode, também, ocorrer neologismo caso sejam atribuídos novos sentidos às palavras já existentes na própria língua. Esses dois processos são usados tanto sincrônica como diacronicamente na língua portuguesa.

Os processos neológicos, segundo essa mesma autora, podem ser fonológicos, sintáticos de conversão, semânticos, por empréstimos, entre outros. Dentre esses mecanismos citados, analisamos, nesta parte, os neologismos semânticos ou conceptuais, que conservam a mesma forma de unidades léxicas já existentes, mas novos significados lhes são atribuídos. Alves (2007, p. 62) afirma que os mecanismos de neologismos que mais se processam na língua são o da “[...] mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica, por meio de mecanismos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque, [...] vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais.”

Listamos, a seguir, exemplos do corpus da pesquisa, como ilustração de neologismos semânticos do léxico:

- a. **Manutenção da Forma Lexical – Expansão da Acepção:** as unidades léxicas conservaram a forma nos dados de fala produzidos pelos gurutubanos e nas lexias encontradas nos dicionários consultados, com expansão semântica. São elas: *caça(r)*: procurar; *caluria*: calor do sol, quentura do sol; *chupão*: barbeiro; *forma(r)*: aprontar, preparar-se (para casar); *galego*: homem branco, de cor de pele clara; *mundiça*: inseto, praga de lavoura; *pega(r)*: pegar criança, fazer o parto em casa, parteira; *rua*: espaço geográfico externo à comunidade gurutubana; *samborá*, cera de abelha comestível; *tira(r)*: passar, estar em.
- b. **Variação da Forma Lexical - Expansão da Acepção:** os itens lexicais relacionados nesta parte apresentam alterações leves de ordem fonético-fonológica, morfofonológica na forma e expansão semântica. São eles: *calpi(r)* (*carpir*): caçar o mato, a roça; *corride* (*corrido*): maneira de viver, conduta; *discansa(r)* (*descançar*): ter bebê; *fraquim* (*fraquinho*): sem dinheiro, pobre; *gorra(r)* em (*garrar em*): dedicar-se com afinco; *ingroça(r)* (*engraçar*): agradecer a; *renovade* (*renovado*): geração nova, jovem; *ricriar* (*recriar*): ser criado, crescer em algum lugar.

Os resultados da análise semântica desta seção apontam que, dentre as 203 formas dicionarizadas, 09 (4,4%) unidades léxicas possuem forma igual e acepção

diferente das encontradas nos dicionários; 73 (36%) casos de conservação tanto da forma, quanto do significado; 18 (8,9%) registros de formas vocabulares apresentaram casos de neologismos, e 103 itens lexicais, que equivalem a 50,7%, apresentaram alteração quanto à forma, mas mantiveram seu significado. O que se pode inferir desses resultados é que 194 unidades lexicais, que correspondem a 95,6%, conservaram o sentido. Isso aponta para a predominância de manutenção semântica no acervo lexical do português falado pelos gurutubanos.

Em relação às marcações diacrônicas, encontramos referências para designar hierarquicamente os fenômenos linguísticos estudados em obras pesquisadas, a saber: *antiquada, arcaísmo, arcaizante, desuso, obsoleto, palavra antiquada, palavra pouco usada, erro, forma antiga e vulgar, forma vulgar, termo antigo*.

Dos 254 itens lexicais investigados na pesquisa, 37 (trinta e sete), que equivalem a 14,5% das ocorrências estudadas, foram identificados com algumas dessas qualificações em dicionários selecionados para a pesquisa e/ou em obras lexicográficas de referência da língua portuguesa. Essa diversidade de nomes para classificar hierarquicamente as variações, as mudanças, os usos e desusos dos itens lexicais pelos dicionaristas e pesquisadores corroboram as observações apontadas por Gonçalves (2007, p. 54).

Esse percentual de lexias rotuladas como desusos, entre outras qualificações semelhantes, mas ainda presentes no discurso do português falado pelos habitantes do Vale do Gurutuba e por tantos outros brasileiros, carecem de investigações sociolinguística, dialetológica e geolinguística para melhor conhecimento e entendimento do léxico em uso efetivo no português brasileiro. Citemos alguns exemplos para reflexão: *abasta(r)*, *adondo*, *adura(r)*, *alembra(r)*, *alumia(r)*, *anté: aparta(r)*, *arriba(r)*, *avexade*, *cabeçal*, *calpi(r)*, *corenta*, *cuma/cumo*, *de premero*, *deferença(r)*, *derna*, *desgraçado*, *entom*, *era*, *im riba de*, *finado*, *inda*, *indução*, *inté*, *jinela*, *labuta(r)*, *luíta*, *malineza*, *passa(r) taba*, *pera*, *p'raculá*, *samia(r)*, *sumona*, *todulos*, *voga(r)*, *zela(r)*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando, é possível inferirmos que o português falado pelos gurutubanos ainda conserva formas vocabulares não presentes na variedade padrão, mas estão em variação e preservam-se no português usado por eles.

Percebemos, com base no exposto, certa 'precaução' por parte dos dicionaristas do século XXI, por não classificarem alguns usos lexicais como arcaísmos, desusos e tantas outras denominações, por vezes depreciativas e preconceituosas, detectadas em referências bibliográficas dos séculos anteriores. Esse cuidado em não classificar as palavras sem verificar cientificamente se deve ao fato de que estudos descritivos linguísticos sincrônicos e diacrônicos noticiam a presença da diversidade linguística brasileira e a manutenção de formas linguísticas em regiões brasileiras urbanas e rurais desde o século XVII. Muito se tem feito, e com sucesso, para aclarar este tema, a descrição da língua portuguesa usada no Brasil, mas, diante da diversidade e das dimensões territoriais do nosso país, ainda há uma considerável tarefa a ser empreendida, para que tenhamos um retrato fiel dos usos da Língua Portuguesa no Brasil.

Com este trabalho na área do léxico, esperamos ter contribuído, de alguma maneira, para estimular e ampliar o conhecimento sobre o português caipira falado em áreas rurais da região sudeste, em Minas Gerais e, obviamente, no Brasil.

REFERÊNCIAS

- Alves IM. Neologismo: criação lexical. São Paulo: Ática; 2007.
- Amaral A. O dialeto caipira: gramática – vocabulário. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia; 1976 [1920].
- Antunes C. Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2013.
- Beaurepaire R. Dicionários de vocábulos brasileiros. Belo Horizonte: Garnier; 2007.
- Biderman MTC. Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; 1978.
- Biderman MTC. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: Oliveira AMPP, Isquendo AN, organizadores. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS; 2001a. p. 129-142.
- Biderman MTC. Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes; 2001b.
- Biderman MTC. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: Krieger MG; Isquendo AN, organizadores. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS; 2004. p. 185-200.
- Bluteau PR. Vocabulario portuguez e latino. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; 1712-1728. [citado 31 ago. 2018]. Disponível em: <http://purl.pt/13969> e <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>.
- Carvalho N. Empréstimos linguísticos na língua portuguesa. São Paulo: Cortez; 2009.
- Castro I. Introdução à história do português: geografia da língua - português antigo. Lisboa: Colibri; 2005.
- Castro I, Marquilhas R, Acosta L. Curso de história da língua portuguesa. Lisboa; 1991.
- Castro YP. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks; 2001.
- Castro YP. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks; 2005.
- Coelho MSV. Os gurutubanos: língua, história e cultura [tese]. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; 2010.
- Cordeiro MJ. Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas [dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG; 2013.
- Costa JBA. Cultura, natureza e populações tradicionais: Norte de Minas como síntese da nação brasileira. Verde Grande, 2006;1(3)fev.:8-45.

- Costa Filho A. Laudo de identificação e delimitação territorial do Quilombo do Gurutuba Brasília: Fundação Cultural Palmares/Universidade Católica de Brasília; 2005. [mimeo].
- Costa Filho A. Mansos por natureza: situações históricas e permanência Paresi [dissertação]. Brasília: Programa de pós-graduação em antropologia social/UnB; 2008.
- Cruz A, Milani SE, Silva DM, Rezende TF. ALINGO - atlas linguístico de Goiás: léxico-fonético. Rio de Janeiro: Barrra Livros; 2015.
- Cruz MLS. O falar de Odeleite. Lisboa: INIC/CLUL; 1991.
- Coutinho IL. Pontos de gramática histórica. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; 1976.
- Cunha AG. Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2010.
- Faraco CA. Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática; 1991. (Série Fundamentos).
- Ferreira ABH, Ferreira MB, Anjos M. Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3ª ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2010.
- Ferreira Netto W. Introdução à fonologia da língua portuguesa. São Paulo: Hedra; 2001.
- Freire LO. Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 1954.
- Freitas CJ. Café com quebra-torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG [dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG; 2012.
- Gonçalves MF. A variação lexical no discurso de setecentos: apontamentos sobre o arcaísmo. In: Murakawa CAA, Gonçalves MF, organizadores. Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial/São Paulo: Cultura Acadêmica; 2007.
- Houaiss A, Villar MS. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001.
- Janotti, A. Condicionismo sócio-cultura das origens do movimento universitário europeu: a singularidade do caso português (VIII). Revista de História, 1974;48.
- Labov W. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; 1972.
- Leão ÂV. História de palavras. Belo Horizonte: Editora PucMinas; 2013.
- Machado Filho AVL. Dicionário etimológico do português arcaico. Salvador: Edufba; 2013.
- Maia CA. História do galego-português. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT; 1986.
- Martins TJ. Quilombo do Campo Grande: a história de Minas roubada do povo. São Paulo: A gazeta maçônica; 1995.
- Megale H. Filologia bandeirante: itinerários. Araraquara: UNESP; 1998.
- Melo GC. A língua do Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1981.
- Milroy J. Linguistic variation and change: on historical sociolinguistic of English. Oxford: Basil Blackwell; 1992.

- Miranda WMR. O estudo da fraseologia do léxico rural de Sabinópolis – MG [dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG; 2013.
- Naro AJ, Scherre MMP. Garimpo das origens do português brasileiro. São Paulo: Parábola; 2007.
- Oliveira F. Gramática da linguagem portuguesa, 1536. Edição crítica, semidiplomática e anastática. Torres A, Assunção C. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa; 2000.
- Pereira B. Thesouro da lingua portuguesa. Lisboa: Officina de Paulo Craesbeek; 1647.
- Piel JM. Origens e estruturação histórica do léxico português. In: Estudos de linguística histórica Galego-Portuguesa, Lisboa, IN-CM; 1989. p. 9-16.
- Ribeiro GA. O léxico nos domínios da Zagaia: um estudo linguístico na Serra da Canastra – Minas Gerais [tese]. Belo Horizonte: Faculdade Letras, UFMG; 2016.
- Sanford AS. Generative Phonology. Editor, Prentice-Hall: University of California, San Diego; 1973. (Foundations of Modern Linguistics Series).
- Silva Neto S. História da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Livros de Portugal; 1970 [1956].
- Silva AM. Dicionário da lingua portugueza. 2ª ed. Lisboa: Typographia Lacerdina; 1813. [citado 31 ago. 2018]. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2> [1789].
- Silva RVM. O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto; 2006.
- Simão T. Dicionário do falar do Marvão. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; 2016.
- Spina S. História da língua portuguesa – III segunda metade do século XVI e século XVII. São Paulo: Ática; 1987.
- Tarallo F. Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1994.
- Souza VL. Nas cacimbas do rio Pardo: um estudo léxico-cultural [tese]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG; 2014.
- Vasconcelos CM. Lições de filologia portuguesa segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/15, seguidas das lições práticas de português arcaico. Lisboa: Martins; 1946.
- Vasconcelos JL. Esquisse d'une dialectologie portugaise. Paris: Aillaud et Cie.; 1901.
- Vasconcelos JL. Lições de filologia portuguesa. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional; 1926.
- Vasconcelos JL. Textos arcaicos. 4ª edição. Lisboa: Clássica; 1959.

ANEXO

Quadro: Perfil Social dos Informantes.

Nº	Código	Sexo	Idade	Escolaridade	Ocupação	Classe Social	Contato Urbano
1	CST2G05	F	86	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
2	VPGARE	F	83	Analfabeta	Dom.	-P	Menor
3	PNM1G01	F	80	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
4	CFO1G11.12	F	78	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
5	SRMKC04	F	78	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
6	APC1G22.23.24	F	76	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
7	LFL1G03	F	73	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
8	CC1G18	F	72	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
9	ON1G09	F	71	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
10	SMIG03	F	59	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
11	AOT2G01	F	48	1 Ano	Lav. Dom.	-P	Menor
12	APM1G21	F	48	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
13	SSF1G02-06-07	F	45	5ª Série	Lav. Dom.	+P	Maior
14	SLM1G10	F	45	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
15	PO1G25	F	45	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
17	CRD1G19	F	38	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
16	APC1G06.08.27.28.29	F	37	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
18	SCI03	F	31	Analfabeta	Lav. Dom.	-P	Menor
19	SGJ03	F	25	Ensino Médio	Professor	-P	Médio
20	APRL1G20	F	24	1 Ano	Lav. Dom.	-P	Menor
21	SSM1G05	F	22	6ª Série	Lav. Dom.	-P	Menor
22	FQSKC02	F	20	Ensino Médio	Doméstica	-P	Menor
23	APJ1G26	M	78	Analfabeto	Lavrador	-P	Menor
24	CSJ1G14.15	M	75	Analfabeto	Lavrador	-P	Menor
25	APA1G04	M	73	Analfabeto	Lavrador	-P	Menor
26	BRF1G17	M	72	Analfabeto	Lavrador	-P	Menor
27	KELEG03	M	60	Analfabeto	Lavrador	-P	Menor
28	CSN2G02	M	55	Analfabeto	Lavrador	-P	Menor
29	APL2G08	M	54	1 Ano	Lavrador	-P	Menor
30	SLJ1G16	M	54	Analfabeto	Lavrador	-P	Menor
31	LKC01	M	45	2 Anos	Lav.-lídc. com.	-P	Maior
32	EFP1G13	M	44	4ª Série	Lav. Dom.	-P	Menor
33	APS2G06	M	39	1 Ano	Lavrador	-P	Menor
34	SSJ2G04	M	27	5ª Série	Lavrador	-P	Menor
35	SSL2G03	M	23	4ª Série	Lavrador	-P	Menor
36	EKC05	M	22	Ensino Médio	Lav.-Prof.	-P	Médio
37	AKC03	M	20	Ensino Médio	Lav.-Prof.	-P	Médio
38	PSA2G07	M	17	8ª Série	Lavrador	-P	Menor

Fonte: Coelho (2010, p. 237). Legenda: M = masculino, F = feminino; -P = menos privilegiado, +P = mais privilegiado, Lav = lavrador, Dom = doméstica, lídc. com. = líder comunitário.

FLP21(2)